



Evento	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2015
Local	Porto Alegre - RS
Título	Perspectivas utópicas na produção musical popular brasileira na contemporaneidade: o que produz diferença na repetição
Autor	LUCAS SOARES VICTORINO
Orientador	EDSON LUIZ ANDRE DE SOUZA

Perspectivas utópicas na produção musical popular brasileira na contemporaneidade: o que produz diferença na repetição

UFRGS

Autor: Lucas Soares Victorino

Orientador: Prof. Dr. Edson Luiz André de Sousa

A relação entre canção e o conceito de repetição tem sido ponto de intersecção entre Música e Psicanálise. O que é a música popular ocidental se não uma repetição da repetição? Do encarceramento sistemático do tonalismo (e por que não incluir o modalismo) à subdividida “timeline” da produção eletrônica, depreende-se que a composição musical não depende somente dos três pilares principais da música – melodia, harmonia e ritmo -, mas da *repetição* de uma sequência melódica, de um padrão rítmico e de um entroncamento harmônico. Portanto, repetição é o conceito-chave para nos debruçarmos àquela pergunta e desvendarmos como se poderia, neste ambiente já poluído pelo gás hilariante da repetição, atribuir à música popular hoje uma perspectiva utópica. O objetivo do estudo é pesquisar e inter-relacionar a produção musical (e o ato criativo pressuposto) à utopia (o porvir de não lugares) e à psicanálise (repetindo a repetição) - enquanto se produz canções. A estrutura a sustentar os três eixos da pesquisa se dará a partir da interlocução com autores que também relacionam o processo criativo musical a outras imagens-âncoras, como Luiz Tatit, Silvio Ferraz, da Música, Ernst Bloch, da filosofia da Utopia, e, claro, Freud, Lacan e Deleuze, filósofos e psicanalistas. De sua maneira, a utopia entrará como um aparelho ótico para análise do porvir, produzindo imagens que assumem a função de âncoras simbólicas, constituindo novos lugares, se opondo a tendência à repetição. Assim, a análise do processo criativo e dos resultados em si será lançada na medida em que os encontros do pesquisador e da obra em processo vão ocorrendo, não se referindo a hipóteses pré-estabelecidas a serem testadas, como em uma metodologia científica tradicional. O que estará em jogo é o movimento de debruçar-se na obra já produzida e a ser produzida por mim, permitindo-se dela se afetar de diferentes formas, experienciando outros modelos de tempo e tecendo novos enlaces entre a arte, a psicanálise e a utopia.